

Reportagem



Por **João Martins**

Pôr fim à supremacia do homem e promover a igualdade de género são alguns dos propósitos deste crescente movimento de feminismo em Portugal

As novas feministas



Escolha de
Rita Ferro Rodrigues

Depois de anos de conquistas e de estar consagrada em várias leis da Constituição da República Portuguesa, na prática, a igualdade entre o género masculino e feminino ainda está longe de ser uma realidade na nossa sociedade. Por essa razão, está a surgir uma nova geração de feministas em Portugal, que se preocupa com questões relacionadas com a discriminação de que muitas mulheres são alvo, nomeadamente no mundo do trabalho e em situações de violência doméstica.

Se pensarmos que, há cerca de 100 anos, a mulher era vista intrinsecamente como uma figura doméstica e procriadora, sem direito ao voto ou a tomar uma posição social sobre determinada matéria, existiu, de facto, uma evolução significativa com vista à igualdade de direitos entre géneros.

Foi em consonância com a corrente internacional que em Portugal, no final do século XIX e no princípio do século XX, um conjunto de mulheres com diferentes atividades, nomeadamente escritoras, jornalistas, professoras e médicas, reivindicaram, essencialmente, o direito à educação, independência económica e acesso ao voto. Deram corpo ao chamado 'Movimento Feminista Português'. "Ao longo deste período uma série de reivindicações foram alcançadas, mas foi sobretudo depois da Revolução de 1974 que muitas das barreiras impostas às mulheres foram sucessivamente caindo", explica Teresa Fragoso, Presidente da Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.

Por seu turno, Virgínia Ferreira, Presidente da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres - APEM, defende que "tal movimento, com esse caráter unívoco nunca existiu nem em Portugal nem em qualquer outro lugar do mundo. O que encontramos ao longo da história são organizações que fazem reivindicações com as quais procuram melhorar a condição e o estatuto das mulheres".

Apesar das muitas conquistas já alcançadas, "os homens continuam a ser largamente maioritários nas estruturas de governação, tanto pública como privada; as mulheres continuam a ganhar menos, nos mesmos postos de trabalho, com a mesma experiência profissional e mesmo quando possuem as mesmas qualificações mas também

continuam a ser largamente prejudicadas na divisão sexual do trabalho doméstico e da prestação de cuidados aos membros da família", explica Virgínia Ferreira.

Mas trazendo estas situações para o debate público, "através da visibilidade e denúncia num potente meio de comunicação que é hoje a Internet, a estratégia da espetacularização usada em algumas iniciativas e a mobilização de figuras públicas que funcionam como modelos inspiradores para muitas pessoas só pode ser encarada como contributo positivo para a consolidação dos direitos das mulheres e a igualdade de género em Portugal", considera Virgínia Ferreira.

O renascer do feminismo

Em 2014, criada pelas apresentadoras Rita Ferro Rodrigues e Iva Domingues, a plataforma Capazes deu um novo impulso à reivindicação da igualdade de género e fez renascer o conceito de Feminismo em Portugal. "O Estado tem o dever de promover a igualdade de género, mas é fundamental que cada cidadão e cidadã se associe, seja a título individual, seja através de plataformas de intervenção como a Capazes ou de outras estruturas da sociedade às quais pertençam, pois só em conjunto poderemos alcançar o objetivo da igualdade de género", destaca Teresa Fragoso.

Assiste-se, de facto, a uma nova geração de feministas. Alguém para quem a presença do Feminismo é fundamental. Exemplo disso são os testemunhos das jovens Joana Veríssimo, Liana Rego e Matilde Raposo.



"Só em conjunto poderemos alcançar o objetivo da igualdade de género."

Teresa Fragoso (Presidente da Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género)

"A mobilização de figuras públicas (...) só pode ser encarada como contributo positivo para a consolidação dos direitos das mulheres (...)."

Virgínia Ferreira (Presidente da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres)





“Não é uma palavra feia, é só a luta pela igualdade de direitos”

Matilde Raposo

“Antes pouco ouvia falar sobre a desigualdade de géneros. Nem me passava pela cabeça que existisse, talvez por falta de informação ou por estar pouco atenta”, conta Matilde Raposo, 15 anos. “Até descobrir que morrem cerca de 60 mulheres por ano em Portugal, vítimas de violência doméstica. Até descobrir que há desigualdade salarial entre homens e mulheres no nosso país e um pouco por todo o mundo”, revela a jovem estudante. As dúvidas quanto a esta realidade persistiam na cabeça de Matilde que não percebia porque “em pleno século XXI ainda se ouvem frases como ‘o lugar das mulheres é na cozinha’, ou ‘é feio mulheres dizerem palavrões’ e muitas outras do género”.

Apesar de reconhecer que as mulheres da sua geração têm muito poder, há um longo caminho a percorrer: “Falta informação, falta falar mais sobre estes assuntos, pouco ou nada se fala de igualdade de género nas escolas portuguesas. É preciso que todos e todas saibamos o que se passa no nosso país e no mundo.”

E recusa que este conceito seja conotado de forma negativa. “O Feminismo não é uma coisa má, não é uma palavra feia, é só a luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres”, defende. “Ainda termos que lutar por ela em pleno século XXI é triste, mas é a realidade... Mas estamos prontas para a enfrentar. Que a próxima geração não baixe os braços nunca”, conclui Matilde Raposo.



“É um estilo de vida”

Liana Rego

Revela que é difícil descrever o seu percurso e reflexão no Feminismo. “A minha trajetória individual nunca seria esta se a minha orientação sexual fosse diferente. Isto não é dizer que as feministas são, necessariamente, homossexuais – nem nada que se pareça”. Contudo, no seu caso, na fase inicial da adolescência e, mais tarde, na faculdade, o facto de ser homossexual levou-a a entrar em espaços de debate e de troca de ideias, na Internet e não só. “Isso possibilitou-me perceber o que eram as minorias”, recorda Liana Rego, 22 anos.

“Começar a perceber o conceito de minorias é meio caminho andado para se perceber a discriminação e os seus mecanismos. Dei por mim a desvendar, junto de outras pessoas bem mais entendidas do que eu, aquilo que significava ser mulher. Isto porque, desde cedo, fui obrigada a perceber o que significava ser homossexual”, recorda a jovem licenciada em Jornalismo.

O puzzle em que juntou as peças de se ser mulher e mulher homossexual foi o ‘grito do ipiranga’ de Liana para o Feminismo. “Tomei conhecimento da extrema e dogmática teimosia humana que, na sua maioria, não consegue assumir as evidências e insiste em culpar a aleatoriedade da vida – ou um qualquer “deus”, no caso das pessoas de fé – pelas predisposições de género”, refere.

A escassez de tolerância e respeito pelo outro fizeram com que, muitas vezes, se revoltasse. “Chateei-me em mesas de café e em caixas de comentário nas redes sociais; expus os meus argumentos a amigos/as que não queriam saber e a desconhecidos/as pseudo-interessados/as que se justificavam sempre com os mesmos clichés; fui insultada, elogiada, citada para o bem e para o suposto mal. Posso dizer, seguramente, que o Feminismo já me deu muitas dores de cabeça e já me tirou algumas horas de sono”, esclarece, “contudo, ainda com mais segurança posso dizer que o Feminismo me corre nas veias e faz parte da minha forma de ser, agir e pensar”.

Para Liana Rego, ser feminista é uma escolha. “Ser Feminista é um estilo de vida, baseado na luta pelos direitos de um conjunto de pessoas que são, diariamente e em todo o mundo, vítimas de abusos, do mais inofensivo assédio até ao mais brutal femicídio. E o facto de o meu programa de escrita do computador não reconhecer a palavra “femicídio” significa muito mais do que se possa pensar. Significa que, neste caso, parar pode ser, literalmente, morrer, ou deixar que morram”, defende. O ativismo de defesa dos direitos das mulheres que Liana pratica, é a forma que tem de não querer compactuar com essa realidade e “viver com esse peso na minha consciência”.



“Não somos o sexo frágil”

Joana Veríssimo

Considera-se uma sortuda por ter nascido mulher. “Sim, sorte, porque nascer mulher é ser privilegiada. Não num sentido de superioridade em relação aos homens, mas na medida em que, ao sermos mulheres, temos acesso a emoções e experiências que os homens nunca terão. Além disso, enquanto mulher, tenho o direito e o dever de lutar pela igualdade do meu género relativamente ao sexo oposto – e ter a liberdade de lutar será sempre um privilégio”, explica Joana Veríssimo, 20 anos de idade.

“Seria mais fácil se já nascêssemos, homens e mulheres, com os mesmos direitos e deveres. Mas não teria, de todo, o mesmo sabor. Conquistar os nossos direitos a pouco e pouco, depois de tantas mulheres o terem feito por nós, é, senão um prazer, uma honra”, explica esta estudante de Jornalismo e Comunicação da Universidade de Coimbra.

Joana afirma-se feminista mas acha que isso é um risco porque “é, tantas vezes, confundido com a luta pela superioridade da mulher face ao homem quando, na verdade, as verdadeiras feministas apenas querem a igualdade de géneros, no que diz respeito a oportunidades, a direitos e – creio eu – a deveres. Ouvi, várias vezes, mulheres supostamente feministas dizerem que os homens não valem nada, que nós somos melhores em tudo e que somos uma espécie de género puro, quase à semelhança do que grandes ditadores fizeram com determinadas raças.” Esta divisão e mal-entendimento do conceito foi o que a despertou para a ‘causa’ feminista.

“Enquanto mulher, sempre defendi que estamos à altura dos homens a qualquer nível – disso nunca tive dúvidas. Mas, ao ouvir pessoas com cargos importantes reduzirem o Feminismo a uma luta entre sexos, indignei-me”, ressalva.

A estudante refere a escritora e filósofa Simone de Beauvoir (1908-1986) “que dizia que o opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos”. Para Joana, “esta frase resume a importância de nós, mulheres, sermos feministas. Acredito que cada uma de nós adapte o Feminismo aos seus ideais de vida, mas, mesmo assim, é importante sê-lo”.

A luta pelo estatuto de igualdade perante o sexo oposto é, então, uma prioridade para esta jovem, “porque não somos o sexo frágil”. “Não somos apenas donas de casa ou mães. Nem somos, tampouco, escravas sexuais das vontades daqueles que dizem amar-nos. Somos mulheres. E, por isso, temos o direito a ter salários iguais aos dos homens, de votar, de conduzir, de frequentar a escola, de ter prazer (e não apenas de o dar), de trabalhar, de construir uma carreira independentemente de sermos ou não mães e de termos quem nos ajude nas tarefas domésticas, porque sermos mulheres não faz de nós fadas do lar”, conclui Joana Veríssimo. ●

"Muitas mentes olham para o Feminismo e não entendem como algo que tem valor mas sim num sentido pejorativo."

António Alegro, 22 anos



"As mulheres não são inferiores aos homens: é da comunhão de ambos que se constrói uma sociedade ligada."

Augusta Cabral, 73 anos

"Faz sentido uma reivindicação para que o masculino e o feminino tenham as mesmas oportunidades e o mesmo tratamento."

João Cunha, 43 anos



"Portugal tem um pensamento um pouco retrógrado, de que a mulher não pode fazer trabalhos pesados ou ganhar tanto como um homem."

Ana Oliveira, 19 anos

"É uma questão de cidadania: a mulher é uma cidadã, independentemente das circunstâncias."

João Raposo, 70 anos



"Existe muita disparidade entre géneros mas a nova geração tem outras ideias, mais progressistas e de igualdade."

Fátima Isabel, 46 anos